

UnidasPrev discute CGPAR 25

A UnidasPrev realizará na próxima quarta-feira (6), das 14 às 17h30, um evento sobre os efeitos da Resolução CGPAR 25 nos fundos de pensão das empresas estatais federais. Como estudo de caso, a reestruturação do Plano Básico de Benefícios (PBB) gerido pela FAPES. A UnidasPrev fica Av. Nilo Peçanha 50, sala 2016, Centro.

Pesquisa sobre dia de lazer no Clube

A AFBNDES e a APA estão realizando uma pesquisa para saber o interesse de seus associados em participar de um dia de atividades recreativas no Clube da Barra. O dia indicado para o evento é a quinta-feira e o evento será aberto a aposentados, pensionistas e dependentes. A opinião dos sócios ajudará a definir o horário e demais detalhes da atividade. A pesquisa, que já foi enviada por e-mail, pode ser respondida pelo link: <https://pt.surveymon-key.com/r/clubedabarra>.

Tragédia anunciada em Brumadinho

VÍNCULO entrevista militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), que denuncia lógica das mineradoras e do poder público voltada para o lucro.

Página 4

Inscrições para Prova do Verão no Aterro

Serão abertas no dia 6 de fevereiro as inscrições para a Prova do Verão do Circuito das Estações, marcada para 31 de março, no Aterro do Flamengo.

Página 6

Futebol do 1º semestre no Clube da Barra

Estão abertas até 5 de fevereiro, no Atendimento e no Clube da Barra, as inscrições para o próximo campeonato de futebol soçaite da Associação.

Página 6

EDITORIAL

Impressões sobre a primeira reunião com o presidente Levy

reprodução



O presidente do BNDES, Joaquim Levy, recebeu as Associações de Funcionários em audiência na última quinta-feira, 24 de janeiro.

Pontos positivos da reunião: o presidente mostrou-se disposto a manter o diálogo com as Associações de Funcionários por meio de reuniões periódicas. Ele defende que o BNDES internalize um rol maior de atividades e estudos que hoje são realizados por consultorias. O presidente está estudando o BNDES e refletindo sobre suas possíveis funções. Declarou estar aberto a ouvir a opinião do corpo técnico da instituição para definir por onde o Banco pode vir a atuar.

Algumas prioridades anunciadas no discurso de posse foram reafirmadas: infraestrutura, desestatização, médias empresas (ainda sem setores identificados) – e uma novidade, a ênfase no apoio do Banco ao agronegócio.

Pontos preocupantes: o presidente ainda está estudando e pensando nas possíveis funções do BNDES. A impressão é que está tudo em aberto. E mais: a visão inicial do presidente sobre os temas polêmicos que envolvem o Banco é negativa. Aparentemente, Joaquim Levy ou não leu o “Livro Verde” ou leu e não gostou.

Transparência seletiva

Num dia, o presidente Jair Bolsonaro, ainda preso à campanha eleitoral, promete acabar com as “caixas-pretas” dos bancos públicos, contando com o apoio e a disposição do ministro da Economia, Paulo Guedes, para consumir a tarefa.

No outro, o governo, sob o comando do vice-presidente Hamilton Mourão, altera trecho de decreto de 2012, que regulamentava a lei de Acesso à Informação, ampliando o número de servidores que podem decidir sobre o sigilo de um documento – num retrocesso que fere a transparência pública e atenta contra o próprio espírito da lei.

Não satisfeito, o Banco Central coloca em consulta pública o fim do monitoramento obrigatório pelo Coaf de parentes de políticos.

Tudo indica que os ataques constantes do governo à suposta “caixa-preta” do BNDES não são fruto de um comprometimento, digamos, filosófico com a transparência.

OPINIÃO

Liberalismo: desmonte do Estado em prol de quê?

Celso Evaristo (*)

O pós-guerra desemboca, quase que de imediato, na divisão do mundo em dois blocos antagônicos: o dos países socialistas, liderados pela URSS; e o dos capitalistas alinhados com os EUA. Foi o início da chamada Guerra Fria. A fase de reconstrução propiciou período de crescimento econômico significativo em muitos países de ambos os blocos até o final dos anos 70. A queda do Muro de Berlim, em 1989, foi o marco histórico do fim dessa época.

O desenvolvimento econômico dos países ocidentais no pós-guerra arrefeceu, em parte, as contradições do sistema capitalista nos países centrais. O Estado do bem-estar social (*Welfare State*) manteve o conflito de interesses entre as classes sob relativo controle. Além do que, a simples existência de um contraponto representado pelo bloco socialista obrigava as elites dos países capitalistas a fazerem concessões às classes trabalhadoras para evitar qualquer tipo de simpatia pelo bloco adversário e seus ideais igualitários. O campo da esquerda fortaleceu-se na Europa Ocidental, em especial, na Itália e França e, como decorrência da redemocratização, em países como Grécia, Portugal e Espanha.

O desenvolvimento tecnológico tornou possível a abundância, cabendo ao Estado e à representação política garantir a prosperidade social, gerenciando a redistribuição da renda advinda do crescimento econômico. Tal descrição da realidade socioeconômica é bastante válida, ao menos, para os países centrais. Na periferia do sistema, os conflitos sociais mantiveram seus contornos dramáticos, com algumas ilhas pontuais de tranquilidade e crescimento relativo da economia.

Em paralelo ao sucesso da social democracia europeia do pós-guerra, uma discreta porém bem articulada reação teórico acadêmica contra o Estado intervencionista e de bem-estar social é desenvolvida na Europa. O marco inicial dessa corrente é a publicação do livro *O Caminho da Servidão*, de Friedrich Hayek (1899-1992), vencedor do prêmio Nobel de Economia de 1974. É uma obra de defesa intransigente dos mecanismos de mercado enquanto elementos únicos de promoção do desenvolvimento econômico e social dos povos. Nessa perspectiva, a intervenção do Estado, por menor que seja, é vista como uma ameaça frontal às liberdades econômica e política.

Hayek reuniu, em Mont Pèlerin – Suíça, em 1947, um grupo de pensadores e economistas de orientação ideológica liberal para avaliar as tendências da economia mundial e estabelecer uma estratégia comum de atuação. Estiveram presentes não somente adversários firmes do Estado do bem-estar europeu, mas também inimigos declarados do New Deal norte-americano: Milton Friedman (1912-2006), Karl Popper (1902-1994), Lionel Robbins (1898-1994), Ludwig Von Mises (1881-1973), George Stigler (1911-1991), Walter Eucken (1891-1950), Walter Lippmann (1889-1974), Michael Polanyi (1891-1976), Salvador de Madariaga (1886-1978), entre outros. Desse encontro surge a Sociedade de Mont Pèlerin, uma associação de revalorização do liberalismo econômico que desembocaria mais tarde no ideário neoliberal. Seu propósito era combater o keynesianismo e as diversas matizes de socialismo.

O objetivo final seria preparar as bases conceituais, os alicerces para o retorno à essência do capitalismo – eliminação de qualquer tipo de intervencionismo estatal e liberdade absoluta para a atuação das forças de mercado, sem nenhuma forma de regulação.

Dadas as bases teóricas e direcionadores de ação e as políticas neoliberais implantadas, a princípio, pelos países anglo-saxões a

partir do último quartel do séc. XX, as classes trabalhadoras sofreram duro golpe tanto nas conquistas consubstanciadas no Estado do bem-estar social quanto no espaço político de sua representação. A queda do socialismo real trouxe ainda mais munição para o arsenal do liberalismo renovado. A dimensão política foi sendo esvaziada progressivamente de seu conteúdo transformador. A política – e com ela os elementos mais participativos da democracia – foi relegada à ‘gestão da coisa pública’. O conceito de gestão foi transposto da seara do mundo corporativo para a administração pública, na forma do discurso gerencialista.

A corrente liberal ganhou força não só nos países centrais do sistema, mas também nas economias periféricas, incluso o Brasil. A imperturbável vitória do liberalismo econômico e político, para essa matriz ideológica, significou não apenas o fim da Guerra Fria, ou a consumação de um determinado período da história, mas o próprio fim da História como tal: isto é, o ponto final da evolução da humanidade.

A força do capitalismo e sua economia de mercado, no plano econômico, e a universalização da democracia liberal representativa, no plano político, seriam a expressão definitiva desse ápice civilizacional. Essa foi a constatação de alguns intelectuais orgânicos do sistema. O pensamento ícone deste período é o do assessor do então presidente norte-americano Ronald Reagan (1911-2004), Francis Fukuyama. É dele a tese do fim da história nesse final do século XX. Ele escreveu um ensaio original – mais tarde transformado em livro – propondo que a humanidade atingira o ponto final de sua evolução ideológica com o triunfo da democracia

liberal. O equivalente na economia dessa resultante histórica seria o capitalismo liberal. Com as derrotas do fascismo e do socialismo real, esse seria o único caminho a ser trilhado pela humanidade.

Todavia, a crise de 2007/8 abala a onda triunfalista neoliberal. O culto ao mercado desregulamentado, a defesa intransigente do Estado mínimo, e a incorporação pela administração pública das práticas de gestão baseadas no discurso gerencialista das grandes corporações – principais pilares do novo liberalismo – foram atingidos em cheio pela crise. O Estado mostrou-se muito mais vital para o equilíbrio do sistema capitalista do que preconizava o discurso liberal.

A desregulamentação do mercado, em especial o mercado financeiro, promovida na era Reagan/Thatcher, agudizou a concentração de capital nas mãos de grandes conglomerados financeiros, provocando a alavancagem dos bancos e movimentos especulativos a níveis inimagináveis – as denominadas ‘bolhas especulativas’. Essa tendência foi uma das determinantes da crise que se iniciou em Wall Street, se espalhou pelas economias centrais, e cujo desenrolar encontra-se longe de ter chegado a termo.

A crise sistêmica foi evitada graças à intervenção anticíclica dos bancos centrais e outras instituições estatais na liberação de crédito (BNDES inclusive) para a cambaleante economia ocidental, sem falar no efeito revitalizador provocado pelo dinamismo das economias dos países emergentes, tais como China e Índia.

As recentes tragédias humanitárias e ambientais têm deixado claro o imbróglio civilizacional em que estamos metidos, caso insistamos nesse modelo mental do liberalismo. O fato inequívoco é que: a efetiva elevação da qualidade da vida humana não tem sido o objetivo principal do sistema no mundo, mas um subproduto; a ocupação básica tem sido acumular capital. Onde surgiu um conflito entre fazer dinheiro e elevar o padrão de vida alicerçado na segurança coletiva, a preeminência tem sido do primeiro. O drama dos refugiados, Mariana e Brumadinho são exemplos emblemáticos dessa situação.

“O Estado tem se mostrado muito mais vital para o equilíbrio do sistema capitalista do que preconizava o discurso liberal”

(*) Empregado do BNDES; diretor institucional (2) da AFBNDES.



Diretoria

Presidente – Thiago Mitidieri
1º Vice-Presidente – Arthur Koblitz
2º Vice-Presidente – William Saab
Financeiro – Fabio Pais
Patrimonial – Carlos Germano Régio Amazonas
Administrativo – Antonio Ricardo Mesquita
Institucional 1 – Fernando Newlands
Institucional 2 – Celso Evaristo Silva
Jurídico 1 – Felipe Miranda
Jurídico 2 – Juliana Noronha
Novos Negócios e Marketing – Eric Flores Coelho
Assistidos – Armando José Leal
Ouvidoria – André Nicolay
Assistência Social e Educação – Sônia Guedes
Cultural 1 – Márcio Verde
Cultural 2 – Carlos Henrique de Lima
Social – Armando Luiz Guimarães
Esportes – Paulo Rebouças.

Conselho Deliberativo

Alice Assumpção, Beatriz Barbosa Meirelles, Carlos Leonardo Delgado, Carlos Roberto B. dos Santos, Claudio Abreu, Creuza Novaes, Eduardo Scotti Debaco, Eloah Manoel, Eva Maria Moreira, Fabiano Dias de Mattos, Luciana Chaves Rocha, Lucimar Fernandes, Marcelo Valente, Maria Célia Louzada, Mario Lopes, Marleide Cunha, Marucia Cabral, Oswaldo Humbert, Pauliane de Oliveira, Sandro Couto, Valmir Lopes, Vera Lucia Barreto, Wagner Gonzales de Oliveira, Williams Cipreste, Wilson Duffles.

Conselho Fiscal

Titulares: Madelene Perez de Carvalho, Melvyn Afonso Cohen e Orlando Zeferino de Oliveira
Suplentes: Alfredo Gonçalves Nunes, Antonio Saraiva da Rocha e Luiz Ferreira Xavier Borges

Ouvidoria

André Nicolay
 E-mail: ouvidoria@afbndes.org.br

Sede Administrativa

Av. Chile 100, sobreloja-mezanino, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Caixa Postal 50012, CEP 20050-971. Tels. 2532-0163, 2532-0450 e 2532-0176.

Clube da Barra

Av. Ayrton Senna 550, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, RJ, CE 22793-000, Tels. 3325-3092, 3325-7559, 99448-0531 e 99252-1478.

Pousada Clube Itaipava

Estrada Itaipava-Teresópolis 5001, Madame Machado, Itaipava, Petrópolis, RJ, CEP 25745-001, Tel. 24 2222-2579, Fax 24 2222-4987.

Vínculo

Publicação semanal da AFBNDES

Jornalista responsável: Washington Santos

Diagramação, ilustração e projeto gráfico: Fernando Garcia

Repórter: Bárbara Becker

Publicidade: Ricardo Torregrosa
Redação e publicidade: Av. Chile 100, sobreloja-mezanino, Centro, Rio de Janeiro, RJ, Caixa Postal 50012, CEP 20050-971. Tel. e Fax 2532-0163 e 2532-0704.

E-mail: vinculo@afbndes.org.br

Tiragem: 4.000 exemplares.

Impressão: 3Gráfica.

Vínculo On Line

Todas as quintas
www.afbndes.org.br

As opiniões emitidas nos artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem a opinião da AFBNDES e do BNDES.

OPINIÃO

Trinta e cinco anos

Fabio Giambiagi (*)

“Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas” (Nietzsche)

D aqui a alguns meses, farei 35 anos de BNDES. Ingressei no Banco quando o presidente da República ainda era o general João Batista Figueiredo, o que significa que ainda era a época do regime militar. O que também significa, em outras palavras, que sou um dinossauro. Nestes 35 anos, vi de tudo. Ao todo, tive 25 presidentes do Banco. Assisti ao fim dos governos militares, à Nova República, ao liberalismo de Fernando Collor e de Eduardo Modiano (de quem tive a honra de ser assessor), à confusão da gestão de Itamar Franco, ao Plano Real e os anos FHC, aos 13 anos e meio de gestão do PT e às mudanças ocorridas depois de 2015, até os últimos meses. O auge e a decadência dos desembolsos – e também do prestígio da instituição. Em 1984, ainda cheguei a assistir a alguma palestra de alguns dos fundadores das ideias seminais da origem do BNDES, personagens, à época, na altura dos seus 70 ou 80 anos de vida. Agora, fecho esse ciclo com outro presidente da República de origem militar, mas num contexto democrático. Uma vida, enfim.

Crepúsculos se prestam a balanços e eles, em geral, não costumam ser muito positivos. Não fugirei à regra. O que resta disso tudo? Em primeiro lugar, o mais positivo, sem dúvidas: o convívio. Tive o prazer de conhecer muitos servidores públicos exemplares, da estirpe de Pedro Malan, ainda que menos conhecidos. Destaco, como símbolo, Irimá da Silveira, o “Dr. Irimá”, de quem os mais velhos talvez se lembrem. Quando ingressei no Banco, era a referência maior da FINAME, numa época em que ela era uma entidade separada, reverenciada como “carro chefe” da instituição. Lembro-me da impetuosidade com que em conjunto com mais três assessores – todos jovens – de Modiano nos dirigimos ao Irimá, em 1990, crenças que estávamos sendo porta-vozes dos novos tempos, com a arrogância típica da idade. Ele, em nenhum momento, se portou como o representante da resistência diante do avanço de novas forças. Deunos, com paciência, uma aula de boa educação, civilidade, serviço público – e de BNDES. Todos os quatro, então jovens assessores, guardamos essa lição para toda a vida. Viramos grandes amigos dele, tentando aprender um pouco da sua sabedoria de velho burocrata weberiano. Tanto Modiano como Irimá já se foram. Deixaram belos exemplos, cada um a seu modo.

O segundo legado pessoal é a *expertise*. Não conheço outra instituição no Brasil onde, num único espaço físico, se tenha tanto conhecimento de tantas coisas variadas. Quem trabalha no BNDES tem o privilégio de um dia poder almoçar com um amigo e ouvir uma aula sobre aeroportos, no dia seguinte aprender com outro sobre derivativos financeiros, no terceiro escutar um colega que trabalha com a Embraer falar duas horas sobre a indústria de aeronaves de médio porte – e assim sucessivamente. Qualquer autoridade de Brasília que quiser recrutar um assessor sobre qualquer coisa encontrará no BNDES pelo menos duas ou três pessoas especialistas no tema. É um ativo do país.

Finalmente, o terceiro legado: em 35 anos de BNDES, nunca escutei dizer de algum colega: “esse levou bola para aprovar um projeto”. Repare-se que, mesmo com todas as acusações dos últimos anos, ninguém jamais disse que algum funcionário concursado do BNDES tenha sido corrompido para aprovar algum projeto. No país dos escândalos, não é pouca coisa. É uma distinção, uma marca institucional.

Vamos, agora, ao “lado escuro da Lua”. Esclareço de antemão: pretendo dizer, de forma suave, verdades duras. Por que me resta uma inocultável sensação amarga? Em poucas palavras, porque poderíamos ter sido 35 anos muito melhores. Ou, dito de outra forma, porque poderíamos estar muito acima do que estamos. E aqui não me refiro à queda dos desembolsos nem à perda de relevância da instituição. Falo de algo mais triste: a percepção de que, como grupo, não agimos como deveríamos ter atuado para fazer jus à reputação de sermos uma ilha de excelência. Somos, a rigor, um arquipélago de ilhas – mas o conjunto compõe um todo certamente muito aquém da soma das partes. Há um nome para isso: “falácia de agregação” (ou “de composição”).

Há duas coisas que se entrelaçam e que explicam boa parte de nossos problemas. Primeira questão. Recebemos empréstimos que alcançaram um estoque de mais

de R\$ 500 bilhões, destinados a financiar uma ação anticíclica objeto de diversos questionamentos. Já se disse que a dose é que faz o veneno e esse foi um caso em que o que era inicialmente correto perdeu sentido depois, embora nesta altura caiba enfatizar que uma parcela expressiva desses recursos foi devolvida entre 2016 e 2018. A preços de 2019, os desembolsos do BNDES, no auge, alcançaram dimensões da ordem de R\$ 300 bilhões/ano. Era uma política de Governo? Era. Legítima? Sim. Boa? À luz dos resultados, é difícil argumentar favoravelmente, ainda que haja uma controvérsia acerca de que instrumentos deveriam ter sido adotados e para perseguir quais objetivos. Poderíamos, como organização, termos tentado manifestar objeções? Creio que, hoje, muitos desconfiam que teria sido saudável. Ninguém discute que políticas de Governo devem ser acatadas, mas o fato é que essa política nos criou um dano de imagem do qual só recente e timidamente estamos começando a nos recuperar.

Segunda questão – e aqui quero ir no cerne do problema acima apontado e que encontra raízes profundas e longínquas. Defendemos e pregamos a inovação, mas será que a praticamos internamente? Algumas das cabeças mais criativas que conheci nestes 35 anos – alguns deles, meus amigos – foram embora cedo do Banco – e penso que não tenha sido por acaso. Mesmo que o problema não seja exclusividade nossa e afete outras grandes empresas, precisamos nos formular uma pergunta incômoda e crucial: por que, repetidamente, temos gerado uma grande frustração profissional em tantos talentos que ingressaram no Banco ao longo do tempo? Sejamos francos: todos os leitores da instituição sabem que isso é um fato.

Com exceção de iniciativas recentes como o IdeiaLab, que merecem ser estimuladas, será que, historicamente, no decorrer das décadas, o processo de promoção tem estimulado adequadamente aqueles que, usando o velho jargão, gostam de “pensar fora da caixa” e a desafiar verdades supostamente constituídas? Somos burocratas que temos o dever de obedecer ao controlador, o que é correto, mas temos sinalizado aos nossos jovens que desafiar o pensamento dominante pode ser uma característica positiva? Sabemos qual é a resposta. O problema disso é que nesse caso, como instituição, ficamos

a reboque dos acontecimentos – e nunca nos antecipamos a eles. Aqui, sugiro reler a epígrafe de Nietzsche no começo do artigo: “não há fatos eternos”. Toda baía do Banco deveria ter um pequeno cartaz: “Obedeça com moderação”.

Aos desafios. Eles são imensos. O BNDES mudou muito nos últimos tempos, mas há uma adaptação que ainda precisa ocorrer: precisamos nos ajustar a um contexto onde nossa estrutura é mais ou menos a mesma que a de 10 anos atrás, quando rodávamos, a preços atuais, com desembolsos que eram quatro vezes os de hoje. Ao mesmo tempo, é importante evitar que os erros do último PDV, com a perda excessivamente rápida e intensa de senioridade que ele trouxe, se repitam e tragam prejuízos à casa.

Há três palavras que sintetizam o espírito com que precisamos encarar os próximos anos para superar a crise: motivação, inovação e liderança – mas de forma a deixar as energias criativas fluir. Se o BNDES se tornar uma instituição que terá que assumir mais riscos – e terá que fazê-lo, sim –, precisamos deixar de ter medo de errar, de ter receio de contrariar a tendência dominante, de ficarmos paralisados pela possível reação dos órgãos de controle. Ao mesmo tempo, isso implicará ter um engajamento em parceria com estes, para que entendam que a instituição precisará ter a flexibilidade necessária para que os funcionários tenham a tranquilidade de saber que algumas operações poderão dar errado – porque no capitalismo é assim que os mercados funcionam em um mundo de riscos – sem que tal fato signifique que isso seja um indício de irregularidade. Essa parceria é possível.

Em resumo, temos que agir. Se a maioria ficar aqui pelo salário, nosso futuro será sombrio – e qualquer leitor perceberá que estou usando um eufemismo. Já se a instituição considerar que há um país que precisa fugir da “armadilha da renda média” e que um banco de desenvolvimento tem um papel a desempenhar para isso; e se, nele, o *staff* entender que faz sentido trabalhar todo dia, como diz meu amigo Pedro Iooty, “com sangue nos olhos e faca nos dentes”, o futuro ainda reservará um espaço para nós. Espero ainda estar junto durante parte dessa travessia.

(*) Economista do BNDES.

MOVIMENTO

Brumadinho: uma tragédia anunciada

O Movimento dos Atingidos por Barragens chegou a organizar uma marcha de Mariana (MG) à Regência (ES), em novembro de 2018, no trecho percorrido pela lama de rejeitos que desceu da barragem do Fundão, três anos antes. “Fazemos memória para que nunca mais se repita”, ressaltou um religioso à época. Mas a tragédia, de forma absurda, se repetiu em Brumadinho na semana passada.

O MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens – prestou solidariedade às vítimas da tragédia de Brumadinho (MG) ainda na sexta-feira, 25 de janeiro, logo após o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão, que pertence à mineradora Vale SA. Até ontem (30), no início da noite, já eram contabilizadas 99 mortes em consequência do acidente ambiental, com 259 pessoas ainda desaparecidas, entre trabalhadores e moradores da localidade. “As evidências de mais um crime socioambiental de incalculáveis dimensões nos agridem novamente. O poder público não escutou as comunidades e atuou em favor do poder corporativo para flexibilizar as licenças de ampliação do complexo de barragens em dezembro de 2018”, denuncia a organização em nota.

“Nós do MAB entendemos que se trata de um crime continuado pela Vale contra o povo brasileiro. Há três anos do crime da Samarco com o estouro da barragem de Fundão, em Mariana, nenhuma casa foi construída, não sabemos o número de pessoas atingidas, não temos estudo sobre os impactos na saúde, as mulheres não são reconhecidas como atingidas, entre outras tantas violações ambientais e de direitos dos atingidos”. Segundo a organização, o Poder Judiciário até hoje não responsabilizou nenhum dos diretores das empresas envolvidas no crime e não assegurou a reparação integral das famílias. “Muito pelo contrário, tem atuado na seletividade punitiva, criminalizando a manifestação das famílias, os movimentos populares e as organizações da sociedade civil”, destaca.

Para o MAB, a Vale, que foi privatizada nos anos 90, hoje é uma empresa que só atua visando o lucro dos acionistas, sem qualquer compromisso com a vida humana e o meio ambiente: “Mais uma vez essas grandes empresas e a convivência dos governos demonstram as suas prioridades pelas taxas de lucro em detrimento da qualidade de vida da população. Não há desenvolvimento regional, há destruição de vidas e contaminação dos rios e da natureza”. Para a organização, a história se repete como tragédia. “E nós seguimos lutando por justiça em Mariana, em Brumadinho, na bacia do Rio Doce, no litoral capixaba e em defesa do rio São Francisco”.

Nos últimos dias, o MAB tem deixado patente sua preocupação com o risco de contaminação do rio São Francisco, o Velho Chico. Andréia Neiva, militante do movimento na Bahia, alerta que se a lama da barragem da Mina de Córrego do Feijão chegar ao rio São Francisco, por meio de seu afluente, o rio Paraopeba, já contaminado, poderá causar uma catástrofe: “Uma situação como essa seria uma calamidade para o Nordeste, uma região que historicamente sofre com a falta de água e depende quase exclusivamente do rio São Francisco”.

Marcha da Lama – E não foi por falta de luta e de aviso que a tragédia de Brumadinho não foi evitada. Em novembro de 2018, o movimento dos atingidos por



A “marcha da lama” no Rio Doce em novembro de 2018: três anos de injustiça na tragédia de Mariana

barragem organizou uma marcha – “Lama no Rio Doce: 3 anos de Injustiça” – no trecho percorrido pela lama de rejeitos de Mariana (MG) à Regência (ES). E assim noticiou o ato: “A cada ano que passa, as marcas do crime do dia 5 de novembro de 2015 no Rio Doce ficam mais evidentes. Os mais de 50 milhões de m³ de rejeitos de minério derramados nas águas chegaram como um tsunami, devastando tudo o que encontrava no caminho, matando dezenove pessoas e acabando com o modo de vida ribeirinho. Três anos depois, uma marcha que percorre o mesmo caminho da nascente (em Minas Gerais) à foz do Rio Doce (no Espírito Santo) encontra saudade, injustiça, indignação, mas também esperança, união e luta”.

“Foram 10 dias de marcha; onze cidades e 650 km percorridos; dezenas de entidades apoiadoras; sessenta pessoas em movimento constante; mobilização de quase mil atingidos e atingidas; e uma infinidade de violações de direitos encontrados” – destacava o MAB em 19/11/2018. Por todo o Rio Doce, segundo o relato, ainda era possível ver os estragos causados na vida da população pelo crime da mineradora Samarco, controlada pela Vale e pela BHP Billiton. “Nós tínhamos a melhor água do mundo, e agora não temos mais. Eles falaram que em dez anos o rio vai estar limpo, mas eu não acredito, porque jamais vão ter condições de limpar o que fizeram”, dizia o pescador Gilson, de Cachoeira Escura (MG).

Em missa celebrada em Mariana (MG), o padre Geraldo, pároco da Igreja Nossa Senhora do Carmo, resumia os objetivos da “Marcha da Lama”: “Fazemos memória para que nunca mais se repita. Para que os responsáveis sejam devidamente punidos pela lei. Para que os atingidos e atingidas sejam devidamente reparados e indenizados. Para que nossa casa comum volte a ser respeitada e o rio volte a ser sinal de vida e esperança para aqueles que nele veem a própria vida”. E a história, de forma trágica, acabou se repetindo.

“A Vale provou que não sabe explorar nossos bens naturais e ainda mata nossos rios e nossos trabalhadores”

Ainda sob o impacto da tragédia de Brumadinho, Leonardo Maggi, militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), falou ao VÍNCULO.

VÍNCULO – Qual é a prioridade do MAB no momento, após o que ocorreu em Brumadinho?

Leonardo – O emergencial é apoiar no socorro às vítimas do rompimento da barragem e na organização das comuni-

dades a jusantes, onde a lama está chegando. Isso é muito importante porque a Vale aposta na desorganização e na desmobilização dos atingidos para facilitar a imposição de sua prática, a manutenção da violência que tem praticado com muita propriedade desde Mariana. Três anos depois daquele acidente e uma empresa como a Vale não conseguiu devolver nem as casas dos atingidos. E ainda atua na desagregação e na repressão à organização das vítimas, como se elas fossem os bandidos da história.

V – Há alguma proposta no sentido de mudanças na legislação?

L – Para nós o fundamental é mais que uma mudança na legislação, é uma mudança de postura. A lógica financeirizada que tomou conta da gestão do patrimônio público e privado cria um ambiente de elevada e acelerada taxa de exploração, no qual processos, protocolos

e mecanismos de controle são negligenciados – tudo em função do lucro rápido, imediato. Isso acontece nas empresas privadas, mas também ocorre em algumas empresas estatais. Então, não basta apenas ter mais rigor na legislação. É necessário mudar a lógica de gestão dessas empresas. Vale ressaltar que os bens mineiros são do povo brasileiro, não são da Vale. Ela tem uma outorga para a exploração. E a empresa provou que não sabe explorar. Provou em Mariana e agora em Brumadinho. Não sabe explorar nossos bens naturais e ainda mata nossos rios e nossos trabalhadores. Nós precisamos cassar as outorgas de exploração privada de nossos bens minerais.

V – Que ações ou políticas estão sendo empreendidas pelo MAB?

L – Nós estamos mobilizando brigadas de atingidos por barragens em todo o país para irem a Brumadinho ajudar no apoio

às vítimas e na organização das famílias, porque a Vale já está atuando na desmobilização dessas pessoas. Nós estamos fazendo denúncias no Brasil e no mundo todo; atos de mobilização (sexta-feira haverá um aqui no Rio de Janeiro) com a frequência que for necessária para não deixar que tudo caia no esquecimento e para não deixar que tenhamos o mesmo resultado de Mariana, onde depois de três anos ninguém foi preso, ninguém é culpado, nenhuma casa foi construída. Também estamos fazendo campanhas nacionais de doações, inclusive financeiras, para ajudar nesse movimento. Os trabalhadores do BNDES que quiserem contribuir podem fazer contato com o MAB, que nós vamos, com toda a nossa força, lutar para que haja justiça. Para finalizar, deixo aqui um abraço para os trabalhadores do BNDES. Estamos juntos na trincheira da defesa do Banco.

reprodução

EVENTOS

A fantasia do carnaval invade o Clube da Barra

Baile infantil pré-carnavalesco da sede social acontecerá em 23 de fevereiro, das 11 às 16, com recreação, música ao vivo e muito confete e serpentina. A entrada será franca para sócios e convidados

No dia 23 de fevereiro, sábado, de 11 às 16h, a alegria do carnaval invadirá o Clube da Barra (Av. Ayrton Senna 550, Barra da Tijuca). O baile infantil pré-carnavalesco promete diversão para pais e filhos com distribuição de confete, serpentina, concurso de dança, desfile de fantasias, tatuagem mania, oficina de máscaras de carnaval e recreação da Animação Diferenciada.

A música fica por conta da Banda Pérola, que animou os foliões no baile pré-carnavalesco do ano passado. No repertório, as clássicas marchinhas de carnaval, sambas-enredo e os maiores sucessos do momento. A entrada será franca para sócios e convidados.

Folia em Itaipava – Na terça-feira de carnaval, a Pousada Clube Itaipava também terá festa para os pequenos hóspedes com música, recreação com a Turnê da Alegria e distribuição de confete e serpentina.



A Banda Pérola agitou o baile infantil do pré-carnaval no ano passado

▶ NÃO PERCA

Contagem regressiva para o Carnaval 2019

Os blocos e as escolas de samba não veem a hora de colorir a cidade com a magia do carnaval. Os ensaios e festas já dão uma previa de como será a folia deste ano. Confira a agenda agitada do final de semana:

1º de fevereiro (sexta-feira) – **Noite das Campeãs na Estácio de Sá**, às 22h30, na quadra da escola de samba (Av. Salvador de Sá 206, Estácio), ingressos a R\$ 30,00; **Ensaio do Carrossel de Emoções**, às 22h, na Prado.com (Praça Santos Dummont 31, Gávea), ingressos a R\$ 60,00 e R\$ 40,00; **Ensaio da Portela com a participação da Império Serrano**, às 23h, na quadra da escola (Rua Clara Nunes 81, Madureira), ingressos a R\$ 15,00.

2 de fevereiro (sábado) – **Feijoada Carnavalesca com a Bateria da Beija Flor de Nilópolis**, às 12h, no Cordão da Bola Preta (Rua da Relação 3, Lapa), ingresso a R\$ 30,00 (com feijoada); **Ensaio da Mangueira**, às 22h, Rua Visconde de Niterói 1072, Mangueira, ingressos a R\$ 50,00; **Lançamento do enredo da Banda da Conceição 2019**, às 17h, no Largo de São Francisco da Prainha, entrada gratuita; **Bloco infantil Mini Seres do Mar**, às 15h, Museu de Arte do Rio (Praça Mauá 5, Centro), entrada gratuita; **Ensaio do Traz na Caçamba**, às 18h, no Bar do Antonio (Rua Joaquim Silva 133, Lapa); **Velha Guarda da Portela e Arlindinho**, às 19h, no Terreirão do Samba (Rua



reprodução

reprodução

“Simpatia é Quase Amor” desfila no domingo em Ipanema

Benedito Hipólito 66, Centro), entrada gratuita.

3 de fevereiro (domingo) – **Ensaio do Volta Alice**, às 17h, na Rua do Mercado 23, Centro; **Feijoada do Rena - Grupo Arruda e Quintal da Xika**, às 13h, Renascença Clube (Rua Barão de São Francisco 54, Andaraí), entrada a R\$ 20,00; **Simpatia é Quase Amor**, às 14h, Praça General Osório, Ipanema; **Roda de Samba do Cacique de Ramos**, às 17h, na sede do Cacique (Rua Uranos 1326, Olaria); **Ensaio do Céu na Terra**, às 11h, na Fundação Progresso (Rua dos Arcos 24, Lapa), ingressos a R\$ 10,00; **Ensaio do Sargento Pimenta**, às 15h, na Fundação Progresso, ingressos a R\$ 15,00.

▶ Serviços

Feriadões na Pousada

Carnaval – A 2ª chamada de reservas para o carnaval (2 a 6 de março) na Pousada Itaipava acontecerá de 1º a 5 de fevereiro.

Páscoa e São Jorge na Pousada – O período de inscrições para o feriado de São Jorge e da Páscoa (19 a 23 de abril), na Pousada Clube Itaipava, será de 13 a 22 de fevereiro, no Atendimento da AFBNDES.

Horário de Verão no Clube da Barra

O Clube da Barra funcionará das 9 às 18h, de terça-feira a domingo, até o dia 16 de fevereiro, no período do horário de verão.

▶ Convênios

CCAA Centro com desconto especial – Associados e dependentes que efetuarem matrículas nos cursos de idiomas do CCAA Centro, até **15 de fevereiro**, ganham mais 5% de desconto, além 50% de desconto nos níveis básicos, 40% nos intermediários e 30% nos avançados que já fazem parte dos benefícios da parceria. A unidade possui turmas com horários especiais para crianças e adolescentes. O CCAA Centro fica na Rua Buenos Aires 57, 2º andar, Centro. Mais informações pelos telefones 2507-7878, 2507-7050 e 99499-1528 (WhatsApp); ou pelo e-mail centroriodejaneiro@ccaa.com.br.

Colégio Monte Alto – O Colégio Monte Alto, em parceria com a AFBNDES, está oferecendo 15% de desconto no valor da anuidade para crianças de 6 meses a 4 anos. Seu projeto pedagógico é baseado em método cujo objetivo não é apenas a aquisição de conhecimento, mas também a formação de pessoas íntegras, capazes de construir uma sociedade melhor. O Colégio Monte Alto fica na Rua Guilhermina Guinle 127, Botafogo. Mais informações pelo telefone 2186-6423 ou pelo site www.colegiomontealto.org.br.

Atendimento AFBNDES –

Edserj: Av. República do Chile 100, sobreloja/mezanino, de 2ª a 6ª, das 10 às 17h. Tel. 2532-0163.

ESPORTES

Inscrição para novo campeonato de futebol termina dia 5

Definição das equipes será feita por meio de sorteio, o chamado “mão no saco”. Competição está prevista para começar antes do carnaval

Seguem até o dia 5 de fevereiro as inscrições para o próximo campeonato de futebol soçaite da AFBNDES, envolvendo sócios efetivos e especiais. O registro individual dos jogadores pode ser feito no Setor de Atendimento da AF, localizado no mezanino do Edserj, ou no Clube da Barra.

A competição, prevista para começar antes do carnaval, terá a definição das equipes por meio de sorteio – o chamado “mão no saco”. As equipes, mantendo a tradição de homenagens que caracteriza esses campeonatos, levarão nomes de times que disputam o Campeonato Carioca de Futebol.



paulo rodrigues

América MG, de Marquinhos (c), venceu Copa Sensação em 2018

O sorteio levará em conta a faixa etária dos atletas e as posições indicadas na ficha de inscrição (goleiro, defensor, meio-campo ou atacante). O formato do campeonato e o seu regulamento serão decididos após a definição do número de jogadores inscritos e de times formados.

Poderão participar da competição sócios de qualquer categoria da AFBNDES e respectivos dependentes – exceto os empregados do Clube da Barra e dependentes. A taxa de inscrição será de R\$ 180,00 por jogador, podendo ser dividida em até quatro vezes, sem juros, no cartão de crédito. Os goleiros estão isentos da taxa e podem ser convidados.

Prova do Outono inscreve a partir de quarta-feira

As inscrições para a Prova do Outono do Circuito das Estações, marcada para 31 de março, poderão ser feitas de 6 de fevereiro a 8 de março, no Setor de Atendimento da AFBNDES. A prova terá largada às 8h, no Aterro do Flamengo (Monumento aos Pracinhas), com percursos de 3, 5 e 10Km. Sócios e dependentes pagam R\$ 95; não-sócios e convidados, R\$ 125,00, com pagamento em dinheiro.

Durante a prova nossos corredores contarão com o apoio da Runners Rio, parceira da AFBNDES (aquecimento, massagem e lanche). Os kits e chips serão entregues no dia da corrida. Mais informações: esportes@afbndes.org.br.

A nova camisa do Grupo de Corridas da AFBNDES está à venda no Atendimento por R\$ 35,00.



wsantos

Momento da largada da Prova do Verão em dezembro de 2018

► Convênio

Centro Universitário IBMR – A IBMR, em parceria com a AFBNDES, oferece para sócios e dependentes desconto de 20% nas mensalidades dos cursos de graduação e pós-graduação. É necessária apresentação de declaração de sócio para obter o desconto. Mais informações pelos telefones (21) 3544-11-37, (21) 4020-6401 e no site www.ibm.br.

► Classificados

Flamengo – Vendo apto, 3qtos, 2 banheiros, lavabo, vaga escritura, portaria 24h, 159m². R\$1.500.000,00. Rua Almirante Tamandaré. Marcelo (3747-8135)(mgold@bndes.gov.br).

Niterói – Vendo apto, 2qtos, próximo à Reserva Cultural, barcas e Plaza Shopping. São Domingos. Prédio com infra, piscina e garagem. 395 mil. Eizen (3747-9855).

Leblon – Vendo apto, 90m², claro, vista ampla, sala, 2qtos, dependências completas s/ garagem. Av. Ataulfo de Paiva com Visconde de Albuquerque. R\$ 1.550mil. Vânia (99973-2761).

Tijuca – Vendo apto, 128m², 3 qtos, dependência, garagem, porcelanato, armários planejados, c/ 4 splits. Rua Pereira de Siqueira, quadra metrô São Francisco Xavier. Ana Lucia (99648-1796).

Tijuca – Vendo apto, nada a fazer, vista Sumaré, sol manhã, sala, 2 qtos. 03 banheiros/01 suite, área, vaga, port.24h. R\$ 560.000,00. R. Uruguai/metrô. Vera Couto (99253-5498).

Citroen Xsara Picasso – GLX 2.0 16v, 2009, couro, automático, completo. 59mil km, IPVA pago. Vistoria feita. Excelente estado. R\$ 18mil. Ligia (99552-0105).

Honda CRV-V LX – 10/10, prata, automático, único dono, completo, excelente estado. R\$ 44 mil. José Maurício (3747-8273/97920-2010).

Fiat Palio – Fire economy, 2009/2010, cinza, álcool/gasolina, 1.350km rodados. Excelente estado de conservação. R\$ 17.500,00. Vera (2575-9875).

Suzuki Scross – 4x4, automático, 15/16, R\$ 69 mil, 29.000 km, Rogério (3747-2403).

**Os classificados do VÍNCULO não têm custo e só podem ser utilizados pelos sócios da AFBNDES. Os textos, com no máximo 20 palavras, devem ser entregues no Atendimento (sobreloja-mezanino do Edserj) ou via e-mail afatendi@afbndes.org.br.*



DESCONTO ESPECIAL PARA ASSOCIADOS AFBNDES

A TODESCHINI COPACABANA EM PARCERIA COM O AFBNDES

ESTÁ COM DESCONTO **DE 40% EM 10X SEM JUROS**.

Central de atendimento*
99181 9405 | 2547 4463

www.todeschinisa.com.br

*Atendemos em todo o estado do RJ.

Todeschini 
COPACABANA